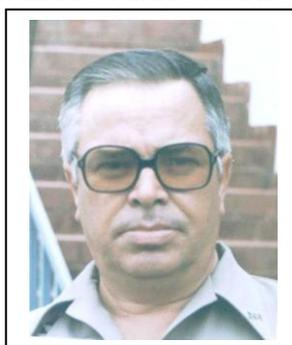


FHE POUPEX

MINHAS MEMÓRIAS DO 1º BATALHÃO FERROVIÁRIO SM BENTO GONÇALVES-RS 1957-1966



Cel Claudio Moreira Bento

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IGHMB) e emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e correspondente das Academias de História de Portugal, Espanha, Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. Integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Ceará, Parana, Paraíba etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV, no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB, doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá-MG 1981-1982; E correspondente dos CIPEL, IHGRGS, Academia Sul Rio Grandense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas e do IHGG de Sorocaba, onde criou a federada AHIMTB-SP General Bertoldo Klinger Estudou no Colégio Franciscano em Canguçu 1938/1944 e no Ginásio Gonsaga em Pelotas 1945-1949 e no Ginásio Pelotense em 1950 por ocasião da prestação do Serviço Militar na 3ª Companhia de Transmissões em Pelotas acantonada no 9º RI em Pelotas. Concluiu o Curso Científico na Escola Preparatória de Cadetes em Porto Alegre em 1952 de onde seguiu para a cidade de Resende para cursar a Academia Militar onde trabalhou contratado pelo Exército como seu historiador. Serviu em 1976-1977 no Estado-Maior do hoje Comando Militar do Sudeste. Acaba de ser elevado a condição de Acadêmico Presidente de Honra da Academia Duque de Caxias da República Argentina. No momento prepara a 3ª edição de seu primeiro livro As batalhas dos Guararapes descrição e análise Militar

MINHAS MEMÓRIAS DO 1º BFv em Bento Gonçalves-RS

(1957-1966)

Cel Cláudio Moreira Bento

Que saudades do Ferrinho(1º Batalhão Ferroviário) em Bento Gonçalves-RS, onde servi como 1º Tenente e Capitão e fiz uma síntese de sua História, a única que não publiquei em razão de seu subcomandante Tem Cel Colombo ter ficado com a mesma, via única, e não ter me devolvido e ser transferido .

Minha primeira atuação foi a de residente em Jaboticaba, no local da ponte ferroviária do rio das Antas, onde minha principal missão era fiscalizar a perfuração do túnel 5 Boca Sul e seu revestimento com concreto, pois dele caíam “chocos” pedras de variados tamanhos que ameaçavam a vida dos trabalhadores.

Outra missão era concluir a terraplenagem da Esplanada de Junção, onde a ferrovia vinda de Bento Gonçalves reunia-se ao Tronco Principal Sul (TPS). Meu comandante o Cel Sadi Magalhães Monteiro que havia integrado na FEB, o Batalhão de Engenharia, e onde era chamado de “Sadi gaitero.” Foi ele que autorizou minha transferência, para ficar mais perto de assistência do meu primeiro filho a nascer Claudio Stumpf Bento, hoje oficial da Marinha na Reserva.

Quando meu filho nasceu minha mulher estava na Sala de Cirurgia fazendo uma cesariana, e a luz do Batalhão apagou e vivi momentos de tensão, imaginando graves conseqüências para minha mulher e filho, com aquele apagão. Mas felizmente correu tudo bem Mas o susto foi enorme!

Os trabalhos na minha Residência em Jaboticaba eram executados por tarefeiros, que me competia fiscalizar, de acordo com os termos de contratos celebrados. Minha Residência e, no tocante a terraplanagem da Esplanada de Junção era executada por Ruas Amantino, e o tarefeiro Dalbó executava no túnel 5, seus trabalhos que eram dirigidos por um engenheiro genro do Cel Augusto da Mata, ex- comandante do batalhão.

Dali fui transferido para a sede da Companhia no Rio da Prata, onde trabalhava na remoção de barreiras que haviam caído em grandes extensões de trechos de responsabilidade da Companhia.

E numas férias do meu comandante, Capitão Félix Rejo Monteiro, paraense, tivemos a missão de transferir para o Batalhão Rodoviário de Vacaria o antigo Trecho ferroviário do rio Turvo ,ao Capitão Davi Freitas do Batalhão de Vacaria.

A companhia de Rio da Prata além de remover barreiras caídas no trecho, trabalhava na construção do Viaduto 4, dirigido por meu colega de turma e amigo Tenente Roberto Martinez, o Lapa, que fiscalizava a Boca Norte do Túnel 5 ,cujo tarefeiro era D. Carrilo. Nas férias do comandante da Companhia eu executei diversas obras por ele projetadas.

Lembro que o comandante da Companhia acumulava muitas economias. E ao sair de férias me passou as economias que guardei no cofre, E ao conferi-las depois, achei uma

falta de enorme quantia. E depois de muita aflição constatei que ela estava no cofre, só que separada. Eu a tinha separado. Foi um grande alívio.

Lembro que acima da minha casa havia um enorme terreno numa encosta. E preparei nele uma horta separando minha casa da mata. E nela plantamos tomates, que produziram pequenos. Mas isolamos a casa da mata. Lá aprendi a lição do desgaste dos materiais.

Existia um Jeep muito usado e o comandante da companhia autorizou que ele fosse reformado em Veranópolis. E fui buscá-lo! Ele estava bonito por fora, mas mecanicamente, tinha sido atingido por um desgaste do material, em especial de sua caixa de mudanças e motor.

Próximo da sede havia caído uma enorme barreira que cobriu um bueiro e o entupiu. Foi um imenso trabalho recuperar o bueiro e reabrir o trecho. Estando o trecho coberto por barreiras, o comandante da Companhia decidiu tentar removê-las com explosivos. E no topo de uma enorme barreira fez um enorme buraco e o encheu de explosivos. E tensão geral ao ser acendido o estopim. E surpresa geral! Ao invés de explosão, foi uma erupção, do explosivo queimando lembrando um vulcão. E a barreira continuou no trecho

Da Companhia de Rio das Antas fui transferido para a 2ª Cia de Construção no KM-2, na altura do Passo do Governo, no rio das Antas.

E aí tive como principal missão perfurar a Boca Sul do Túnel 16, de 2000 metros no regime de Base de Rendimento, que consistia em pagar a equipe de perfuração determinada quantia, em função do volume escavado, e que era dividida entre seus integrantes. E lhes assegurava um bom rendimento.

Com o novo comandante Cel Rodrigo Otavio Jordão este regime foi suspenso e tive que tocá-lo da forma comum, o que gerou uma grande reação da equipe que tive de enfrentar com energia e dar continuidade ao trabalho. O feitor era Dante Pecegone.

E também eu executava a terraplanagem com um equipamento velho e desgastado, no trecho entre Passo do Governo, no rio das Antas e o Túnel 16. Equipamento que eu havia conhecido quando menino, na construção da Avenida Exército Nacional, ligando a Estação Ferroviária de Canguçu ao centro da cidade. A esta altura todo o velho equipamento mecânico estava sob minha direção. E na área da 2ª Cia, comandada pelo Cap COR Darino Castro Rabelo, dirigi a construção de um britador e assumi nas férias do Tenente Alírio Góes, a residência do Caamini, onde por conclusão de serviço, um tratorista transferido para outro local transportava seu filho na caçamba de scraper. E sem se dar conta a caçamba foi acionada acidentalmente e seu filho na tentativa de pular fora da caçamba foi esmagado e morto. E eu tive de atender penalizado e chocado e ouvir, ofensas do tratorista, sem respondê-las. Mais tarde ele se desculpou e reconheceu o meu equilíbrio de escutar o seu desabafo de pai.

No meu setor de trabalho eu fui abençoado pois nenhum acidente grave ocorreu! E este fora num setor que eu substitui um colega.

Antes da chegada do Coronel Rodrigo Otavio, em razão divergências entre os capitães comandantes da Companhia do Km 2 e a de Veríssimo, que saíram em férias, recebi a missão do Comandante de unir as duas companhias numa residência. A divergência- A companhia do KM 2 tinha missão mas não tinha equipamento necessário. E a companhia de Veríssimo possuía equipamento mas não tinha missão. E foi o que fizemos até que a Companhia de Veríssimo, recebeu como comandante o Capitão Cordeiro com o qual eu havia servido em São Leopoldo, na 3º Cia de Comunicações.

Neste ínterim, em razão do Capitão Clovis Ribeiro Lopes, especialista em terraplenagem com equipamento mecânico novo, em Lages, ser transferido, recebi convite formal do Cel Rodrigo para chefiar o Equipamento Mecânico do Batalhão e num almoço à francesa.

Certo dia depois de intensa chuva, e o canteiro de trabalho foi tomado por barro, fui chamado pelo Capitão Cordeiro, de que o Cel Rodrigo Otávio estava lhe cobrando que estivera no canteiro de trabalho de terraplenagem e encontrara todo o equipamento parado. E apresentei-me ao Cel Rodrigo e fui censurado pelo equipamento parado.

E lhe respondi: - O senhor me convidou para assumir o Equipamento Mecânico do Batalhão, por informado da minha prática com o mesmo. E aprendi que aplicar Equipamento Mecânico em barro é quebrá-lo. O senhor é o comandante. Se mandar minha equipe trabalhar com barro, eu cumpro, mas o equipamento vai quebrar! Aí ele pensou e viu que eu tinha razão. E se acalmou!

Outro incidente ocorrido: O Capitão Cordeiro havia surpreendido um motorista seu com seu caminhão da Companhia tombado numa valeta. E chamou-lhe a atenção asperamente. Este motorista era casado com uma cozinheira que fora contratada pelo Sargento encarregado do rancho da minha Residência. E me faltou que ela havia lhe faltado com respeito ao dar-lhe uma ordem. E me perguntou ,o que é que eu faço? E respondi: - Foi você que a contratou, pode despedi-la!

E a citada cozinheira foi até a sede do Batalhão e foi recebida em audiência pelo Cel Rodrigo Otávio, que no outro dia foi até a minha Residência do Km 2 que eu chefiava e fez uma inspeção rigorosa e nada encontrou de anormal, mas fiquei exposto ao ridículo. Fiquei magoado por ele não haver cumprimentado, por estar tudo em ordem e em dia. Mas era de seu estilo! Ele possuía excelente visão estratégica, mas não visão para administrar com eficiência o Batalhão.

Fazendo 2 anos que vinha servindo no 1º Batalhão Ferroviário, escrevi ao Ministro da Guerra General Duffles Teixeira Lott informando que eu havia servido como soldado e cabo na 3ª Cia Com e desejava nela servir como oficial. E fui atendido. E saí com um estimulante elogiado Cel Rodrio de que eu seria um bom oficial superior.

Mais tarde me encontrei várias vezes com o Cel Rodrigo e trocávamos idéias sobre História Militar, já como historiador consagrado e premiado, culminando com o fato de preparar para seu filho Coronel Jordão, meu colega de Turma Aspirante Mega a justificativa para a consagração de seu pai, como denominação histórica da 2ª Grupamento de Engenharia de Construção, em Manaus, onde ele deixou seu nome perenizado. Entre meus ofícios encontrei um em que eu e enviava ao Cel Rodrigo sugestões sobre Informática. Como comandante da ESG ele procurava uma solução para levantar o acervo da Biblioteca da ESG que hoje a digitalização resolve. Tanto que coloquei parte mais expressiva de minha obra literária. Sobre História Militar, Exército, Rio Grande do Sul e meu berço natal Canguçu, na Internet, no site da Federação de Academias de historia Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) www.ahimtb.org.br, criado e administrado por meu filho Capitão de Mar- e-Guerra Carlos Norberto Moreira, hoje instrutor de Navegação na Escola Naval e autor de livro sobre o assunto e nascido em 1959 no hospital do 1º BFv

Outro fato, foi que depois de permanecer em Cachoeira do Sul, servindo na 3ª Cia Com e no 3º BE Cmb, voltei em 1961, como Capitão ao 1º BFv, no comando do Cel Dirceu de Araújo Nogueira, sendo designado para comandar a Cia de Equipamento e Construção a ser instalada em Violanda (Linha Marechal Hermes), município de Roca Sales, tendo como missão principal a perfuração do Túnel 21 Boca Sul, de cerca de 3000 Km. E em visita do Cel Rodrigo Otávio junto com o Cel Dirceu, eufórico com o rendimento que estava alcançando, além do normal, falei para o Cel Rodrigo “- O Cel Dirceu vai dar a camionete dele para o Capitão que fizer 15 metros por semana de escavação do Túnel 21.” E o Cel Dirceu ouvindo a minha fala com o Cel Rodrigo falou. – Eu dou! Passado algum tempo fui chamado pelo Cel Dirceu em seu gabinete e ele me falou: “- Promessa é dívida. Tome a chave da minha caminhonete!”

Fui surpreendido. Não esperava! Eu era dos capitães mais modernos e era o único que dispunha como veículo uma caminhonete Aero Willys nova. Os demais oficiais dispunham de jeeps e o Capitão Isaac Sukermann de minha turma na AMAN e encarregado da perfuração do Túnel 21 Boca Norte, dispunha de uma Aero Willys bem mais cantiga. Este prêmio foi uma espécie de Medalha de Reconhecimento da eficiência de meu trabalho.

Lembro que montei esta Companhia com aproveitamento de instalações antigas desmontadas e montadas por soldados em Violanda. Usando os soldados até colheres de pedreiro feitas por eles de pau. Neste trecho projetei dois bueiros. Foi um período de muita realização profissional, mas tive forte apoio do Cel Dirceu de Araújo Nogueira meu modelo de comandante do Batalhão.

Com a saída do Coronel Dirceu, começou a perseguição de parte do Chefe do Escritório Técnico Cel Sérgio, que insistia em nos obrigar eu e Capitão Martinez a britar pedras para colocar no nos cortes e aterros para lançar trilhos futuramente. E isto em detrimento de trabalhos mais urgentes. Então consegui que eu e Capitão Martinez ficássemos sem função e no meu caso confinado no Km 2. Pois não tínhamos mais a proteção do General Dirceu. E assim fui obrigado a alugar na cidade de Bento Gonçalves

um apartamento para no Batalhão exercer a função de Chefe da Seção do Pessoal Civil. Mais tarde soube que o Cel Sérgio, insistia na britagem para saber qual a melhor mandíbula de britador para serem usadas na britagem de pedras de seus britadores em Curitiba.

Aí tivemos que ir para o Rio cursar a EsAO, sem levar a família, deixando-a isolada em Bento Gonçalves. E tendo um dos 3 filhos adoecido fui buscar a família e ocupei um apartamento da EsAO, o que foi aprovado pelo comandante, ao justificar meu gesto. Vejam que confusão a perseguição do Tem Cel Técnico Sérgio provocou.

Retornando ao Batalhão seu comandante o Cel Délio Barbosa Leite, ciente da Injustiça do Cel Sérgio, me colocou na função de Ajudante Secretário do Batalhão ,onde escrevi minha pioneira História do 1º BFv, descendente da Ala Esquerda do Batalhão de Engenheiros destacada para o Rio Grande do Sul. Mais tarde sintetizei a História do Batalhão, lida em recepção ao General Juarez Távora, em visita ao Batalhão, e recebi a missão de cuidar da alimentação do General, para não agravar seus problemas estomacais, o que fizemos com eficiência.

Lembro que propusemos e foi aprovada e levado a efeito uma homenagem de valorização e prestígio dos funcionários do batalhão, pelo número de anos de serviço, para almoçarem com o comandante, com os oficiais, com o sargento e os com menos tempo de serviço isolados. E todos recebendo um diploma alusivo.

Lembro do mais antigo e muito estimado seu Castelo, que desempenhava com muita dedicação as funções de correio ou estafeta entre o Batalhão e os Correios e fazia pagamentos em Bento Gonçalves a pedido dos oficiais.

Recordo de haver participado da cerimônia comemorativa dos 1000Km de construção de ferrovias pelo Batalhão no Rio Grande do Sul, quando idealizamos e foi ofertado ao Cel Délio um troféu de metal alusivo aos 1000Km com referência ao '1º B FV, " O milionário de ferrovias.".

Neste tempo mantínhamos um bom relacionamento com a vinícola Aurora e ela colocou a nosso pedido numa garrafa de vinho, outra de champanhe rótulos com o título de Ferrinho, para serem distribuídos à autoridades visitantes do Batalhão.

Lembro que para o último Batalhão Suez conseguimos com as cantinas de Bento Gonçalves 2 caminhões com garrafas de vinho, champanhe e conhaque que foram levadas para o Suez. Mas lá este batalhão foi cercado por tropas de Israel num confronto entre judeus e árabes

E assim estas foram minhas lembranças dos comandos dos coronéis Sady Magalhães Monteiro, Rodrigo Otávio Jordão, Dirceu Araújo Nogueira, e Délio Barbosa Leite. Faltou o ultimo comandante quando fui cursar a ECEME, o Cel Galileu , lembro só que ele era casado em Vacaria. Creio que fiz e realizei muito com o oficial do 1º BFv por cerca de 9 anos 1957/1966 com uma interrupção de 1959/60 servindo em Cachoeira do Sul na 3ª Cia de Comunicações onde eu havia sido soldado e cabo em 1950 ,até a crise da legalidade

de 1961, e a seguir no 3º Batalhão de Engenharia de Combate ao ser promovido a Capitão.

Como tenente destacado e com algumas participações e vocação de historiador fui escalado para fazer uma palestra para os oficiais do Batalhão sobre a Revolução Farroupilha e senti que os oficiais gostaram.

Numa semana farroupilha, o comandante do Batalhão atendendo pedido do Colégio Bento Gonçalves da Silva para que um oficial do Batalhão fazer uma palestra sobre o General Bento Gonçalves para alunas do citado colégio. Eu fui escalado. E fiz a palestra!

No outro dia o comandante do Batalhão recebeu da Diretora do Colégio ofício do seguinte teor “Agradecemos a bela conferência feita para nossas alunas pelo Tenente Bento Gonçalves da Silva, deste Batalhão.” Era tanto Bento Gonçalves, nome do Colégio da cidade e tema da palestra que a diretora terminou chamando o tenente Bento Gonçalves da Silva, que mais tarde fui saber que ambos integramos a ADALEME- Associação de descendentes e afins dos Lemes) de Canguçu-RS.

Lembro que a Revolução de 1964, no comando do Cel Dirceu Araújo Nogueira, eu comandava a Companhia em Marechal Hermes (Violanda), e fui escalado para me posicionar em Mussum e ali controlar a passagem do rio das Antas e postos de gasolina. E logo recebi o apoio de seu Prefeito Zílio irmão do Cel Zílio muito conhecido no Rio em especial no Colégio Militar e na Praia Vermelha, como administrador do EPV (Edifício da Praia Vermelha) Residência dos oficiais alunos da ECEME e do IME. Felizmente tudo correu bem.

Naquele tempo desenvolvendo trabalho de construção, tínhamos que nos dividir instruindo os soldados recrutas fazendo marchas regulamentares, exercícios de tiro, acampamentos. E creio realizamos as duas tarefas com dedicações e bons resultados.

Ao iniciarmos a construção do acampamento da Companhia em Marechal Hermes para lá nos dirigimos tendo por companheiros meu motorista e um soldado operador de moto niveladora, e como apoio uma casinha para guardar o material, inclusive explosivos, tendo nela dormido as primeiras noites, até sermos acolhidos na casa de um morador, com cama e alimentação indenizáveis.

E fui chamando o pessoal da antiga sede em Veríssimo, na medida das necessidades. E chegou a vez de chamar o motorista Zanin. E ele se apresentou em Violanda dizendo que ele tinha sido transferido para a sede do Batalhão pelo Major Fiscal Heleno. Fiquei indignado!

E ao chegar o Cel Dirceu no Acampamento em Marechal Hermes relatei o fato. E o Cel vDyrceu - Estás falando mal do Fiscal Major Heleno.” E eu respondi: “O senhor é que deve saber!” E voltou para a sede do Batalhão. E a tardinha voltou o motorista Zanin, dizendo que o Cel Dirceu havia anulado a sua transferência e mandando ele se apresentar a min.

E assim ficou demonstrado que eu tinha razão. O citado Major nunca havia sequer visitado nosso acampamento. Era muito indelicado e desleal !!

O Cel Dirceu era um chefe admirável. Conhecia o serviço tanto como os comandantes de companhia e seu andamento semanal.

E todos os sábados os comanda, as 2ª feiras os disponibilizava em gráficos ao comandante, que percebendo alguma falha ou atraso se dirigia ao setor com problema para resolvê-los.

E todas as quartas-feiras em reunião em torno de uma mesa dos comandantes de Companhia e de seu Estado- Maio e Escritório Técnico para ouvir o relato dos comandantes e determinar-lhes providências. Assim evitava incidentes como os que acontecera com a transformação de suas companhias numa residência no KM 2, citada. Foi uma preciosa lição aprendida a qual muito usei como comandante do 4º BE Cmb em Itajubá e na Direção do Arquivo Histórico do Exército.

Por aqui fica a minha memória mais expressivas da minha vivência no 1ºBFv e com o povo amigo de Bento Gonçalves, onde nasceram dois de meus filhos Claudio e Carlos Norberto, hoje oficiais da Marinha, na Reserva como capitães de Mar-e-Guerra.

Algumas lembranças como complemento:

Quando em Violanda costumava incentivar os trabalhadores com a seguinte pergunta: “O que estão fazendo?” E as respostas: “Estou quebrando pedra!” Ou “Estou perfurando um túnel.” E outras respostas.

Aí eu lhes falava: “A missão de vocês é mais importante, vocês estão construindo o Tronco Principal Sul (TPS) que terá grandes reflexos no desenvolvimento do Brasil.” E parece que isto os animava.

Os trabalhadores do batalhão tinham um regime de trabalho inferior aos trabalhadores beneficiados por leis trabalhistas. E a partir de certo momento foram amparados por leis trabalhistas, E passaram a ter seus vencimentos depositados em suas contas correntes, e a usarem seus talões de cheques.

Lembro que me trouxeram uma informação que um dos trabalhadores estava emitindo cheques, além da disponibilidade em sua conta corrente. E o chamei a minha presença para explicar qual a razão de ele estar emitindo cheques sem fundo.

Sua explicação: “Eu entendo Sr capitão, que enquanto meu talão de cheque possuir cheques, eu tenho dinheiro para gastar.” Em realidade este era o seu entendimento. Era um trabalhador muito dedicado, mas inculto!

A vida diária na Companhia era cheia de compromissos. Mas tinha que manter a disciplina. E para tal usava o subtenente e sargentos para ministrarem depois da formatura uma lição de ordem unida aos soldados, o que resultava um melhor

enquadramento militar do subtenente e dos sargentos que ministravam ordem unida. E funcionava bem esta prática, a serviço da Disciplina.

Em Violanda não pegava Televisão um conforto a que me habituara,. E várias tentativas fiz para captar um sinal, colocando antena em locais mais altos e nada de sinal. E de repente, perto da casa que morava consegui um sinal fraco, que reproduzia muito mal o programa Noites Cariocas.

O abastecimento de água do acampamento era problemático. A solução foi perfurar um poço artesiano que produzia enorme quantidade de água, e que resolveu a precariedade do abastecimento de água do Acampamento.

Na Companhia do Rio da Prata existia a gruta do Paco, junto a uma cachoeira. Paco era um bandido que usava o local para se esconder. E neste local aproveitando a queda d'água da cachoeira foi construída uma piscina natural pelo então Capitão Weber, que mais tarde como coronel instalou em Porto Velho – Rondônia o Batalhão de Construção.

Retornando da EsAO, o passo seguinte foi me preparar para fazer exame para ingressar na Escola de Comando do Estado-Maior. E me apliquei neste estudo, sem prejudicar a família. Inclusive tirei um mês da licença prêmio para melhor me preparar. E o mesmo fez o Capitão Roberto Martinez. E uma forma agradável e eficaz foi realizar visitas a indústrias de Bento Gonçalves e fazer-lhes perguntas sobre assuntos de programa do Exame, aos seus diretores. E funcionou muito bem !. Eu passei bem no exame, fui o único dos candidatos a ECEME dos quatro que se inscreveram para o concurso. Antes era muito difícil alguém servindo em batalhões de Construção serem aprovados no exame a ECEME. Mas no meu caso, a ECEME havia organizado um Curso de Preparação para o exame de admissão a ECEME, o que nos facilitou, sem ter de freqüentar no Rio o Curso do General Flamarion, E para evitar erros de Português, as provas que fazíamos de treinamento, as submetia, ao padre da igreja próxima ao Batalhão que as corrigia. E anotava os erros cometidos para não repeti-los nas provas para a ECEME. E também recebíamos apoio da Turma da ECEME integrantes da Campanha AJUDA TEU IRMÃO através do aluno Major Fernando Oscar Lopes, meu conterrâneo e amigo de infância e de certa forma um irmão.

Dos comandantes do Batalhão, contatei com eles mais tarde, menos com o Cel Sadi Magalhães Monteiro. Com o Cel Dirceu, como Chefe do Estado-Maior do então III Ex, que lhe pedi interferir em Canguçu, numa questão política e que ele a pacificou . Mais tarde foi meu chefe no DEC, E o assisti no Rio de Janeiro já na Reserva, em seu contato coma Seção de Inativos e Pensionistas.

Com Cel Délio estive com ele e a seu convite no 1º Grupamento de Engenharia de Construção, em João Pessoa – PB e depois ao fazer palestra sobre as Batalhas dos Guararapes no Grupamento a convite de seu comandante, depois de fazê-la na SUDENE em Recife. Com o Cel Galileu contatei como General em Brasília a quem pedi para sustar a passagem para a Reserva do Cel Técnico, Luigi Tiellet da Silva, a pedido dele, mas ela havia sido concretizada lamentavelmente.

O General Rodrigo encontrei várias vezes em visitas do DEC aos batalhões de construção no Nordeste e Amazônia como assessor do DEC(Departamento de Engenharia e Construção).

Uma função muito importante que desempenhei antes de ir para a ECEME ,foi a de oficial de Manutenção rodando pelos canteiros de trabalho e estradas usadas pelo Batalhão, parando e inspecionando equipamentos mecânicos e corrigindo muitas irregularidades. Uma delas foi constatar o uso de água turva de um arroio na bateria de um trator. E muitas outras.Mas ela foi suspensa. Mas foi de grande expressão na manutenção de viaturas e equipamento mecânico do Batalhão. Serviram no Batalhão nesta época além de mim os seguintes integrantes da Turma Aspirante Mega Capitães Candido Vargas Freire, Carlos Rubleski, Roberto Martinez, Isaac Suckerman e como técnicos o Capitão Luigi Tiellet da Silva meu amigo desde a EPPA em Porto Alegre e o Cap Altair (O Madureira). Mantive contrato estreito e amizade com o Cel Roberto Martinez que fixou residência em Santa Maria. Foi o único que participou dos encontros da Turma Aspirante Mega na AMAN. O Altair o encontrei no último encontro da Turma Aspirante Mega,em 2017 (63 anos de declaração de Aspirante na AMAN),Turma cuja história documental tenho preservado bem como a da Arma de Engenharia.

Quando residente no Km2, unindo as companhias do Km2 e Veríssimo, promovi um casamento de casais que viviam irregularmente. E isto com o consentimento dos mesmos. E a cerimônia coletiva foi coroada com um almoço.

No Natal para os soldados que ficaram de serviço, lhes entreguei o rancho da Residência com gêneros alimentícios para que eles comemorassem o Natal longe de casa. E lhes expliquei que o Serviço Militar era de certa forma um imposto cívico. E que nos próximos anos eles desfrutariam de segurança proporcionada por outros soldados de diversas gerações.

Mas nem todos entenderam o compromisso de ficarem de serviço no Natal, e foram para suas casas, onde mandei uma patrulha trazê-los de volta, para cumprirem seu dever.

Em Violanda, como capitão mais moderno, recebi de uma instituição de menores infratores um homicida que foi incorporado ao Exército, para completar sua recuperação. O recebi e não disse à ninguém a sua situação. Chama-se Muller, o homicídio que praticara foi forçado por seu agressor que o agrediu sem razão sendo obrigado a esfaqueá-lo. E Muller era natural de São Francisco de Assis, mas uma pessoa de muito boa índole , inclusive tomando conta as vezes dos meu três filhos. Ensinei-lhe o ofício de motorista. E ele deu baixa, e caiu no mundo, e nunca mais dele tive notícias.

No outro ano recebi outro que tinha um péssimo relacionamento com o pai e terminou neste reformatório para menores problemáticos.

Eu tinha que ministrar instruções para futuros tratoristas. E reunindo um grupo de candidatos à função, apresentei o equipamento mecânico, informando se

alguém quisesse ser tratorista era apanhar o trator e operá-lo sob a supervisão de seu operador.

Retornando à tarde, vi o citado menor dirigindo o trator razoavelmente. E sua recuperação e dedicação à função tratorista foi tanta que foi promovido a cabo. Havia se encontrado!

E somente eu sabia de seu passado. O comandante de Companhia que me substituiu sabendo do problema do citado soldado, no meio de assistentes declarou “Eu conheço a tua história. Se saíres do trilho eu te puno.”E assim todo o trabalho de recuperação foi perdido!

Em Violanda existia um recruta que percebi possuir liderança sobre os demais. Fora criado num ambiente de baixo nível .E passei a dar-lhe missões de chefia e na manhã seguinte na Formatura da Companhia elogiar o seu bom desempenho. E ele se empenhou no bom desempenho como chefe.

Passado algum tempo encontrou-me em Bento Gonçalves, e me agradeceu muito eu haver elogiado o seu desempenho. E ficou muito feliz em encontrar-me, agradecendo a orientação que havia lhe dado e o tratado com dignidade.

O serviço de perfuração de túneis era o mais complicado e perigoso que eu tinha de dar o exemplo. Trabalhei na perfuração do Túnel 5 Boca Norte de cerca de 1500 metros, no túnel 16 Boca Norte de 2000m e no túnel 21 Boca Norte de 3000, me especializando neste setor.

Ao chegar no Rio de Janeiro para frequentar a ECEME sonhei que o Prefeito do Rio havia solicitado ao Ministro do Exército para eu perfurar um túnel entre a Praia Vermelha e o Leme.

Na Residência do Km 2 administrávamos uma fábrica de tubos de concreto usados na construção de bueiro, na infra-estrutura da ferrovia em construção.

A minha preferência era trabalhar em terraplanagem, abertura de cortes a explosivos. Não apreciava trabalhos da construção de pontes e viadutos e trabalhar com locação . E trabalhar na perfuração de túneis foi o que mais fiz, como já abordei.

ALGUMAS FOTOS RECUPERADAS COM O CELULAR MAS COM DEFEITOS.MAS SE RUIM COM ELAS PIOR SEM ELAS .

Fotos de lembranças recebidas do 1º BFv

Fotos da Residência de Jabuticaba

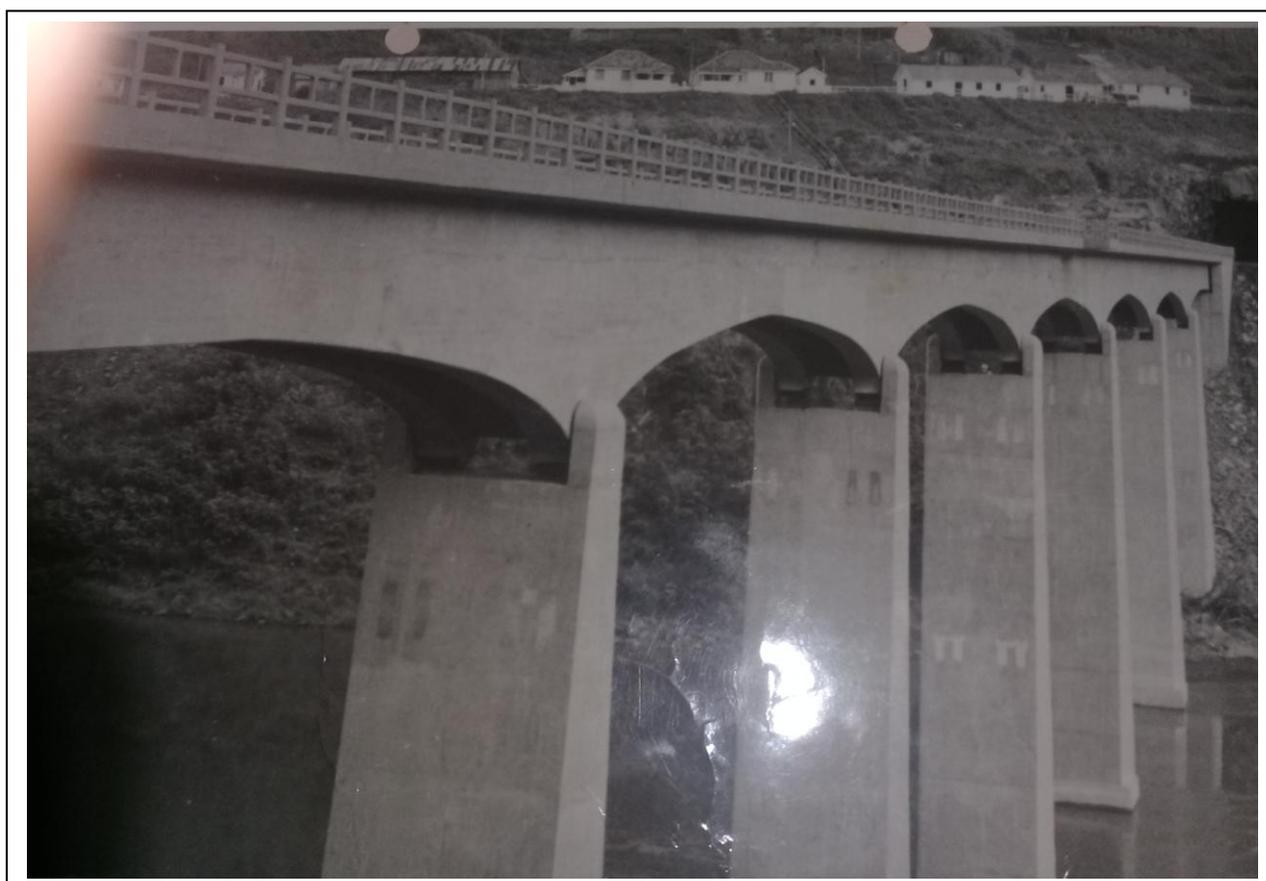
Foto Residência do KM 2

Fotos Companhia de Violanda (Marechal Hermes

Fotos filhos



A esquerda lembrança do tempo em que servi no 1º BFTV Julho 1957-20 nov 1959. 2ª vez 14 jun '1962-30 jan 1966; A direita, no centro marco de locação ou de nivelamento usados no trecho a cargo do batalhão e abaixo o corte de um trilho usado como peso de papel.



Na pagina anterior minha residência de Jabuticaba ,vendo-se em primeiro plano a ponte ferroviária sobre o rio das Antas e no alto a residência .Na segunda casa da esquerda para a direita, a casa onde residi e a seguinte o escritório da residência e a última a residência do sargento auxiliar e na extrema esquerda a pequena usina que era ligada nas primeiras horas da noite. Foi um residência muito movimentada durante a construção da ponte ferroviária sobre o rio das Antas.



Visita do comandante do Batalhão CelSadi Magalhães Monteiro a Residência de Jabuticaba, tendo a sua frente sua esposa .Eu apareço em pé tendo a minha esquerda minha mulher Yolanda e a minha esquerda o Dentista da unidade.Ten Santana casado em São Leopoldo ,cuja esposa Jalma esta na frente de minhnn o Ten Altair Foto tirada há 61 anos.

Na página seguinte minha residência no Km 2 , uma estação da ferrovia Bento Gonçalves a Esplanada de Junção em Jabuticaba, com o Tronco Principal Sul (TPS).A esquerda residência de oficiais .Residi na 4ª e 1ª casas.No centro em 1º plano o Armazém e mais a frente a sede da Residência, tendo a frente Rancho e Alojamento, fabrica de tubos para a construção de bueiros na ferrovia, oficinas .No fundo residência de subtenentes e sargentos e funcionários civis. O britador que construí ficava bem no fundo.Esta residência havia sido sede da 2ª Cia,e depois passou a integrar a Companhia em Veríssimo.

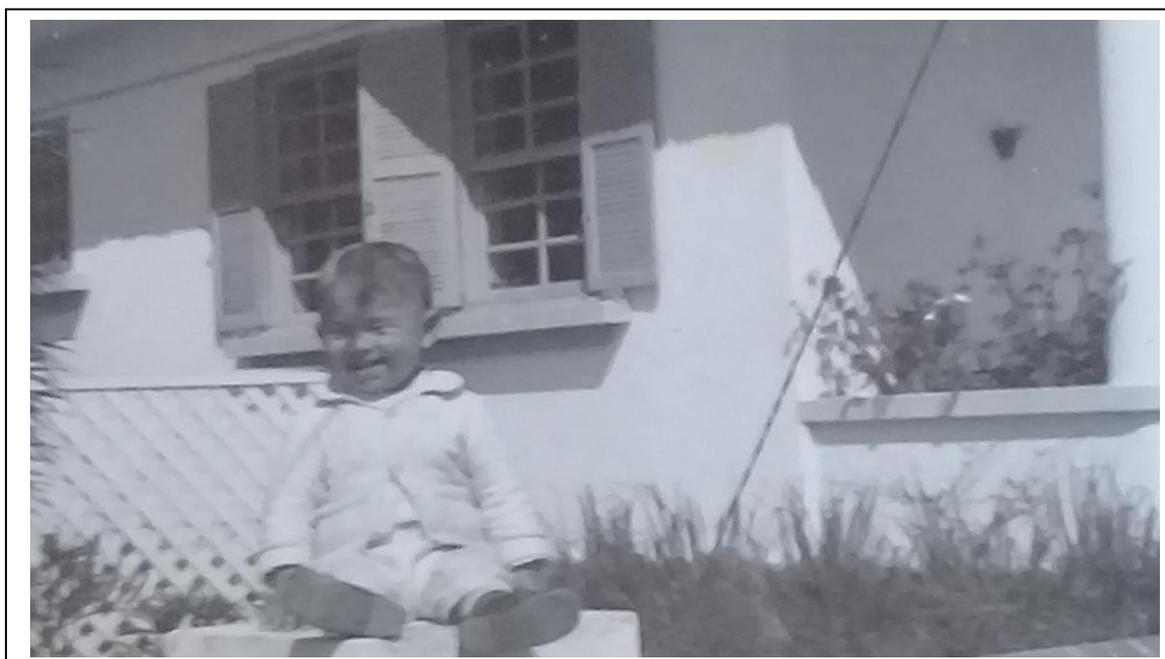


Minha residência na sede da Companhia de Equipamento Mecânico em Violanda, município de Roca Sales, onde na frente aparecem meu ordenança Muller e meus filhos em ordem crescente Antonio Augusto, Carlos Norberto e Claudio, ha 55 anos atrás e hoje Antônio Augusto é oficial da Marinha Mercante com chefe de Maquinas, Carlos Norberto e Claudio capitães de Mar- e -Guerra da Marinha de Guerra e ja na Reserva.

Carlos Norberto instrutor de Navegação na Escola Naval e Claudio comandante de um navio mercante a serviço da Petrobras.



Meus 3 filhos junto a camionete que recebi do Cel Dirceu Araujo Nogueira por haver atingido a meta de 15 metros por semana na perfuração do Tunel 21 Boca Norte.



Meu filho Claudio defronte minha residência no KM 2 m 1959





Nas 3 fotos anteriores meus filhos. Na foto 1 sobre um velho trator. Na foto 2 uma vis~jao do acampamento da Companhia de Equipamento Mecânico em Violanda (Linha Marechal Hermes) e a Foto 3 meus três filhos ao lado da nossa Moradia.

